



ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA INFÂNCIA CAMPONESA: um relato de experiência nas práticas educativas do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)

Jackeline Vieira de Souza - UFMA¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo construir uma reflexão acerca da participação do coletivo infantil do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) durante a realização de encontros para discutir a vida no campo. O artigo utilizou abordagem qualitativa para analisar os dados coletados nesse relato de experiência. A ciranda infantil do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), trata-se de uma educação contra-hegemônica, assim, privilegiando o protagonismo da infância camponesa em sua plenitude para abordar temas complexos da realidade campesina de modo lúdico permitindo uma troca de saberes entre as crianças e as educadoras. Nesse espaço pedagógico, a identidade camponesa é reafirmada e o coletivo de mulheres camponesas é fortalecido.

Palavras-chave: Agroecologia; Educação Popular; Ciranda Infantil.

INTRODUÇÃO

A prática pedagógica no Movimento de Mulheres Camponesas é uma forma de resistência e reflexão buscando na formação humana a participação ativa das crianças no processo de construção de uma nova sociedade no campo norteada pelos princípios agroecológicos. É com esse pensamento que este movimento oferece esses espaços proporcionando experiências lúdicas para as crianças desse coletivo.

Esses espaços visam construir identidade de pertencimento às crianças nas lutas do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) por meio dessas experiências nas cirandas infantis que surgem debates importantes sobre gênero, coletividade, soberania alimentar, agricultura familiar, sustentabilidade, saúde, segurança e principalmente o ser criança camponesa, indígena, ribeirinha e quilombola transmitida em uma linguagem acessível.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (Centro de Ciências de Imperatriz), Brasil. E-mail: jackeline.vieira@discente.ufma.br



Este trabalho trata-se de um relato de experiência vivenciado nos espaços de formação humana para as crianças no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) por objetivo trazer reflexões acerca da participação das crianças no debate da sociedade camponesa, as chamadas cirandas infantis em processo de observação dos trabalhos pedagógicos envolvendo elementos da realidade camponesa pela produção infantil.

Este trabalho justifica sua importância para a sociedade por apresentar um espaço de formação cidadã em espaços não formais e de lutas por direitos sociais atrelado ao movimento ecológico e feminista do campo recortando o viver das pessoas que luta na resistência de um modo de vida. Sendo assim, o artigo utiliza uma abordagem qualitativa com o objetivo de construir uma reflexão por meio de relato descritivo de formação do coletivo do Movimento de Mulheres Camponesas buscando uma reflexão sobre as múltiplas expressões infantis da realidade cultural dos povos do campo no seu alinhamento a uma educação ambiental.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa é derivada de uma experiência em um espaço pedagógico promovido pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), onde usufrui-se da educação popular em sua plenitude na formação humana para as crianças em um movimento social, buscando autonomia para que se tornem protagonistas da transformação social, reconhecendo-as como produtoras da realidade e agentes da mudança, assim constituindo como espaço de resistência por meio da educação popular como traduz-se na sua definição:

A educação popular vai se firmando como teoria e prática educativas alternativas às pedagogias e as práticas tradicionais e liberais, que estavam a serviço da manutenção das estruturas de poder político, de exploração da força de trabalho e domínio cultural. Por isso mesmo, nasce e constitui-se como “pedagogia do oprimido”, vinculada ao processo de organização e protagonismo dos trabalhadores do campo e da cidade, visando à transformação social (Paludo, 2013, p.281).

Dado o exposto, os encontros desse coletivo infantil eram realizados em formatos de ciranda onde as atividades são norteadas pelos princípios da educação popular, visto que se distancia do modelo de ensino tradicional e liberal. Além disso, a agroecologia debatida desde a infância nas cirandas é um sinalizador de um futuro sustentável ambientalmente em que as crianças são ativas nesse processo de construção de um projeto de sociedade onde a relação entre o ser humano e a natureza serão guiados pela ecologia, a soberania alimentar pela cultura



da agricultura camponesa onde o processo de libertação dos sujeitos do campo. Portanto, as cirandas são encontros fundamentais para essa socialização de saberes, resistência e conquistas.

A ciranda passa a ser um espaço educativo onde as crianças constroem relações entre si, com os adultos e com a comunidade; um espaço de referência para o desenvolvimento de um trabalho com a infância e com as famílias do assentamento; um espaço em que elas aprendem a viver coletivamente, a respeitar o seu companheiro, a fazer amizade com as outras crianças (Rosseto; Silva, 2013, p.125).

Diante dessa definição, a ciranda desempenha uma função importante para reunir as crianças em coletivo onde surgem debates necessários sobre a vida do campo e suas relações com a natureza que elementos que fazem parte da realidade camponesa, por essa razão, o movimento integra o coletivo a luta pela sustentabilidade no campo junto aos valores que regem o Movimento de Mulheres Camponesas.

Nessa perspectiva, nesses encontros o debate sobre a vida do campo e sua produção se faz necessários a ter com as crianças porque esses elementos fazem parte da realidade social na qual estão inseridas, e por essa razão que integra o coletivo infantil na luta do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) nesses espaços educativos “dessa forma, a experiência da ciranda infantil surge lado a lado com o debate de temas importantes como gênero, trabalho e coletividade” (Rosseto, 2013, p.120), assim por meio desse momento lúdico que a conscientização enraízam-se nas brincadeiras, risos, expressões culturais diversas, e é no brincar que os princípios do MMC crescem e florescem nas infâncias do campo.

Além disso, é notório que esse momento lúdico promove a capacidade das crianças em desenvolver diálogos sobre a realidade do campo e produzir simbologias nas suas ações que é fundamental para manutenção da vida e comunidade que estão inseridas, destaca-se a diferença desse processo com as crianças do campo.

Certamente, tal experiência é muito mais densa e profunda quando as crianças estão integradas a movimentos sociais, especialmente aqueles que reconhecem a importância de sua inserção política, lúdica e cultural. A participação na vida pública e a sua inserção na esfera política são marcas de singularidade de parcelas significativas de crianças do campo (Silva; Felipe; Ramos, 2012, p.419).

Nesse contexto, a ciranda infantil foi uma atividade promovida pelo Movimento de Mulheres Camponesas para que de modo efetivo as crianças possam exercitar sua participação política tanto no movimento quanto na sua comunidade, demonstrando a intencionalidade de



integrar as crianças nesses espaços de lutas a reconhecendo como agente produtor e reproduzidor social capaz de transformar e ressignificar fenômenos sociais e políticos.

O Movimento de Mulheres Camponesas sempre teve a companhia de crianças que são filhas e filhos das mulheres que compõem esse coletivo, essa presença é atrelada ao trabalho da mãe seja nos quintais produtivos seja na militância, no entanto os espaços pedagógicos são articulados para trazer essa relação de maneira lúdica para que as crianças compreendam a sua própria realidade de modo que privilegie a infância em plenitude.

As crianças camponesas do MMC têm sua vida articulada com o trabalho ao lado da mãe nos “serviços de casa”, no “lavar a louça, fazer comida” ou em outras tarefas “lá fora”. A expressão “lá fora” quer dizer, no conjunto de trabalhadores que envolvem a produção de autossustento e renda que a mãe/mulher administra no entorno da casa (Collet, 2017, p.209).

Nesse sentido, que esses espaços são articulados para acolher as especificações que compõem a participação das crianças camponesas em atividades de pessoas adultas em sua comunidade, que nos fazem refletir a interação das crianças e não apenas sendo a companhia de adultos pois são capazes de reformular conexões na sua própria comunidade “constroem culturas infantis, evidenciam seu ponto de vista, lutam e deixam marcas do desejo do outro mundo possível” (Gobbi; Fingo, 2013, p.63), dito isso, essa participação e construção está diretamente ligada ao modo de vida camponesa, mas quando se trata desse público toda essa representação desse modo de vida deve ser compartilhado pela expressão infantil de ler o mundo.

As representações das crianças camponesas do MMC que participaram do CEC revelaram ações, sinais de rupturas e entrelaçados nos trabalhos. Quem fica em casa precisa fazer os trabalhos. Já é um bom começo! Pois a criança aprende a partir do meio em que vive, explicitando sinais de mudanças nas relações (Collet, 2017, p. 187).

Portanto, esse convívio com as crianças possibilita a melhorar e adequar esse espaço, lembrando que, essas crianças são ativas e construtoras da sociedade que constantemente se modifica, podendo representar o modo de vida camponesa e também a ruptura de relações existentes. Para Collet (2017), as representações das crianças revelam a relação dialógica com as suas famílias e comunidade acerca da produção proporcionando às crianças experiências únicas sobre o processo da agricultura. Por isso, debater agricultura em meio aos efeitos climáticos nesses encontros torna-se fundamental para uma releitura da partilha com a família.



Para Gobbi; Finco (2013), as vidas das crianças do campo são livres e cheias de brincadeiras em meio a natureza e os animais, dessa forma, os impactos ambientais comprometem o direito dessas crianças de vivenciar sua infância de maneira plena. Portanto, é necessária uma leitura das representações das crianças para que possam identificar essas mudanças provocadas por fatores externos. Evidenciando que, esses encontros são importantes para toda a sociedade.

De acordo com Collet (2017) é nessas dinâmicas que as crianças aprendem a serem solidárias e seu vínculo com animais se fortalece. Portanto, reduzir esses espaços provoca grandes mudanças do que é ser criança no campo. Sendo assim, a ciranda infantil se apresenta nesse contexto de preservação da identidade dessas crianças.

No campo, a criança ocupa espaços partilhados e constrói sua referência e identidade na relação com as atividades do seu grupo social. As formas de sociabilidade resultam dos modos de produção dessa relação, que, pela convivência densa, não implica a separação entre adultos e crianças (Silva; Silva; Ramos, 2012, p. 421).

Desse modo, a vida das crianças do campo está atrelada a luta no campo, lutar por melhores condições de vida nessas comunidades é projetar uma sociedade na qual as crianças possam vivenciar a infância sem a presença da violência, da ganância do agronegócio, sem os impactos climáticos que vitimizam seus pares e consequentemente a mesma. Além de promover uma vida significativa na tutela com a natureza desde a infância onde também produzem um espaço de valorização ao trabalho do cuidado com meio ambiente das mulheres.

Essas crianças vivem em ambientes onde são alvo do lucro do grande capital, aqueles rios que significam para elas água em abundância, as árvores o ar puro e a terra uma fonte de riqueza para o cultivo de alimento, mas para o grande capital verde - Agronegócio - significa acúmulo de lucro exorbitante por isso testemunham cenas de violências dos latifundiários, madeireiros, garimpeiros contra os territórios em que vivem e seus corpos.

De acordo com Collet (2017), a percepção da infância passa por mudanças no sistema capitalista, onde a infância convive com um quadro deplorável de pobreza, e por consequência desse quadro vivem situações alarmantes como violência, fome e exploração. As infâncias que vivenciam o campo, rios, quilombos e floresta não são isoladas quanto se referem a experienciar no cotidiano essas situações alarmantes provocadas pelo capitalismo que atingem suas comunidades. Dessa forma, é imprescindível a inclusão dessas crianças na vida política para defesa de seus territórios, corpos e um futuro sustentável ambientalmente contra o avanço



desenfreado do capitalismo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo adota uma abordagem qualitativa de pesquisa ao analisar um relato de experiência em um ambiente de formação para emancipação para crianças alinhada aos princípios do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), segundo Silva et al (2022), a pesquisa qualitativa tem por objetivo compreender os significados e sentidos que marcam a subjetividade que estão presentes nas pessoas com o social. Sendo assim, a escolha se justifica por ser um método que foca na compreensão das subjetividades, visto que alinha com objetivo deste trabalho.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de campo onde busca-se analisar o fenômeno na sua origem, Segundo Gil (2002) na pesquisa de campo, o pesquisador possui uma experiência significativa com a comunidade e não exige um outro método para colher os dados, tendo como objeto de estudo o coletivo infantil na luta camponesa. A pesquisa de campo nos possibilita trazer a subjetividade de crianças que são integradas a essa mobilização social.

Esse coletivo infantil foi observado em duas oportunidades onde a pesquisadora teve o contato direto com as crianças, a primeira ocorreu no I Congresso Estadual do Movimento de Mulheres Camponesas no Maranhão em um espaço do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e o segundo momento foi realizado no I Congresso da Infância Camponesa na Granja do Torto em Brasília-DF durante a realização do II Congresso Nacional do MMC.

As subjetividades das crianças que representam as infâncias do campo em relação a sua identidade, natureza e sua participação em comunidade torna-se complexo a compreensão de quem não vivencia essa realidade. Por fim, toda essa complexidade é elucidada à luz dos autores Rosseto (2012; 2013), Felipe (2012; 2013) e Collet (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa apresenta um relato de experiência no movimento social, O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) no coletivo destinado às crianças, a partir das observações, convivência, simbologias, representatividade e nas expressões infantis trazendo uma reflexão



sobre a educação popular alinhada à ecologia para as crianças no coletivo do movimento.

O encontro presencial ocorreu nos dias 22 a 24 de agosto de 2025 no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz-MA no I Congresso Estadual do MMC Maranhão para debater a realidade da mulher maranhense e a realização da ciranda infantil, assim, para alinhar-se às estratégias para II Congresso Nacional do MMC em Brasília- DF como o lema “Existimos porque lutamos”.

Neste primeiro momento da ciranda infantil as propostas foram pensadas para abordar a agroecologia e a tutela universal do meio ambiente com as crianças de idades diferentes reunidas em espaço improvisado no Sindicato, naquele momento abriu-se uma roda de conversa sobre a fauna e flora, papel da agricultura familiar em produzir alimentos saudáveis e alguns bons hábitos que resultam em uma maior preservação do meio ambiente.

Essa interação acerca do manejo agroecológico dos recursos naturais fazem parte de um processo de conscientização ambiental para a resistência ao impactos das técnicas invasivas que empobrecem o solo e limita a produção de alimentos saudáveis sem agrotóxicos que abastecem às mesas de milhões de brasileiros, desse modo, promove-se a interação entre a agroecologia e os saberes tradicionais das (os) camponesas e camponeses como uma reafirmação de identidade por meio dessa troca de conhecimento.

Essa abordagem, portanto, reconhece que as populações do campo são portadoras de um saber legítimo, construído por meio dos processos de tentativa e erro, de seleção e aprendizagem cultural, que lhes permitiram captar o potencial dos agrossistemas com os quais convivem há gerações (Gobur; Toná, 2012, p.62).

Neste contexto, as partilhas foram propostas de modo lúdico envolvendo colagens, músicas e brincadeiras para incluí-las nesses debates, e de acordo com a visão de Rosseto (2013), esses espaços são organizados conforme cada material disponível de cada ciranda, que essas organizações têm a finalidade de garantir entre o trabalho livre e dirigido de modo prazeroso para criança. Portanto, as educadoras do MMC propiciaram um ambiente na qual as crianças podem exercitar a partilha de conhecimentos com as outras. Além disso, a finalidade dessa programação na ciranda infantil é justamente tratar assuntos complexos em uma linguagem acessível e didática, dessa forma encerra-se esse primeiro momento.

O segundo momento foi realizado em uma área aberta onde as crianças aprenderam a manejar o cultivo de sementes e utilizar a criatividade artística na representação do cerrado



maranhense e principalmente os cocais nos permitindo um contato com o cotidiano e identidade dessas crianças, com isso constrói-se uma relação saudável com a terra e amor ao seu território, essas atividades pedagógicas ao ar livre se faz necessário para reforçar o saber partilhado com suas famílias e entre elas.

Esse contato é de extrema importância, por estimular a criação de vínculo da criança com o meio natural. É preciso ensiná-la a cuidar da terra, a gostar do meio que vivem, a contribuir para que desenvolvam o sentimento de pertencimento, pois essas ações contribuirão nas atitudes relacionadas com elas mesmas e com quem convive (Rodrigues, Saheb, 2008, p.5).

Nesse sentido, promover esse vínculo com o manejo sustentável com a terra e com as crianças é trazer o papel desempenhado pelas famílias camponesas como elemento chave para conscientização e politização na agroecologia estabelecida no e pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Além disso, estimula o respeito com o meio ambiente, o cuidado em cultivar sementes, o trabalho coletivo e as pessoas do campo.

Desse modo, as lições aprendidas nessa ciranda infantil contribuem para integrar a cultura de mobilização alinhada aos princípios ecológicos do movimento. É imprescindível compreender que, ao relatar esse convívio com as crianças, estamos interagindo com a multiplicidade das infâncias na mobilização “Nas experiências atualizadas do tempo e espaço, as crianças se apropriam do que acontece no encontro dos olhares e na aproximação de sua vida, nos modos de viver sua infância” (Pasuch; Moraes, 2013, p.77), alinha-se com a valorização da identidade dessas crianças na plenitude de suas infâncias.

Nos dias 12 a 15 de outubro de 2025 realizou-se em Brasília-DF o I Congresso da Infância Camponesa do Movimento de Mulheres Camponesas, potencializando os princípios de luta de classe, gênero, e agroecológico do coletivo infantil. Este evento inclui a infância camponesa na defesa da vida, territórios e da soberania alimentar por meio do processo formativo oferecido pelo MMC.

Nesses processos, as crianças, de alguma maneira, acompanhavam suas mães em atividades do movimento. Durante o CEC, foi possível estabelecer um diálogo entre as crianças e as mães, e ali as representações sobre o movimento a partir das crianças foram sendo evidenciadas (Collet, 2017, p. 82).

Ressaltando que, ao mencionar a sigla CEC que significa Círculo Epistemológico de Cultura entra em concordância com o termo Ciranda Infantil, pois os dois buscam na interação das crianças aspectos teóricos e práticos da cultura infantil que no contexto estudado na



participação política das crianças em um movimento social camponês, assim abrangendo as infâncias camponesas no seu contexto social, cultural e econômico.

Este I congresso obteve 127 inscrições entre bebês, crianças e adolescente de até 15 anos de 17 estados diferentes do Brasil, onde a trajetória de luta do MMC foram contados pela visão dessas crianças, os desafios e possibilidades de viver no campo, deram vida e significados às histórias das regiões e povos por meio de suas vozes, olhares, gestos e desenhos. Essas expressões culturais enriquecem a compreensão das especificações das infâncias do campo, que são crianças que são filhas de agricultores, posseiros, extrativistas, pescadores, quilombolas, indígenas etc, e que de acordo na atualidade existe uma pluralidade de infância.

Na última década, a infância deixou de ser tratada como um conceito singular. Decorre daí a exigência de falar de infâncias e não da infância, reconhecendo-se a pluralidade de práticas culturais e de modos de vida que configuram a vida das crianças em diferentes contextos sociais, geográficos e políticos (Silva; Felipe; Ramos, 2012, p.417).

No segundo dia, o congresso recebeu uma visita do ministro-chefe da secretária da república Márcio Costa Macêdo simbolizando a importância do congresso da infância camponesa e seu compromisso com uma sociedade mais justa para seus pares. Com a temática “Meu quintal, minha história” as crianças produziram trabalhos artísticos na representação da casa, região e cultura regional promovendo a materialização da expressão infantil sobre seus territórios, nesse diálogo com as crianças em momento de produção de desenhos nos permitindo a perceber o papel da criança na sociedade camponesa “ao retratar as histórias das crianças do campo e da cidade, considerando as falas, os olhares e gestos como expressão real da vida cotidiana que as vivenciam nos espaços/tempos de sua resistência” (Pasuch; Morais, 2013, p.81), essas crianças nos dimensionam a grandeza cultural do país e a importante lição de como estabelecem a pacificidade nas relações na diversidade cultural.

No terceiro dia, a programação foram acolhida e integração, produções artísticas e mensagens para as mães, roda de conversas sobre a importância das árvores para o equilíbrio ambiental, para realização de uma oficina: preparação do “bercinho” para o plantio de uma muda, roda de músicas, cantigas camponesas, diálogo sobre diferenças culturais representadas nos sotaques regionais salientando a beleza de cada cultura, circuito de brincadeiras encerrando com a mística e a entrega das mudas no I Congresso da Infância Camponesa.

Essa programação foi proposta com a finalidade de reafirmar a identidade do coletivo



infantil, o companheirismo do movimento entre as crianças, o respeito e cooperatividade de culturas diversas em busca de ressignificar a vida no campo e de ser criança camponesa pelo olhar dela.

Propõe-se assim que a criança como sujeito do campo seja visibilizada como um sujeito que, em relação com outros segmentos geracionais, compõe, é afetada e afeta seu ambiente social: é produto, mas também produtora das relações, espaços e tempos que configuram a paisagem do seu meio (Silva; Silva; Martins, 2013, p.17).

Nesse sentido, prioriza-se a observação e escuta para compreender a criança como parte de uma produção social e suas relações com seu eu e o mundo a partir das partilhas de hábitos culturais, visto que entre as 117 inscrições de crianças estavam presentes quilombolas, das periferias urbano-rural e rural, possibilitam-se pontuar as contribuições do entendimento das infâncias do campo.

Essa iniciativa do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) é para a manutenção de uma identidade com o viver do campo, que segundo Felipe (2013) existe uma padronização das vidas individuais e coletivas com o surgimento dos estados modernos, sendo assim, as infâncias do campo resistem a universalização do que é ser criança e de infância, esses encontros foram necessários para compreender essa relação do campo com o meio ambiente partindo da visão da criança e sua eminente padronização.

Partindo desse pressuposto, cabe às educadoras e voluntários compreender a dinâmica social dessas crianças para construir uma instrumentalização que as integrem de forma ativa o movimento sem transgredir a sua identidade e atividade nas suas comunidades “No campo, a criança ocupa espaços partilhados e constrói sua referência e identidade na relação com as atividades de seu grupo social” (Silva; Felipe; Ramos, 2012, p.417), partindo dessa compreensão em as atividades foram relacionadas com a vida em que as infâncias do campo estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas com as crianças camponesas do Movimento de Mulheres Camponesas nos possibilitam compreender a especificidade das infâncias e suas identidades com os seus territórios, com isso, incluí-las torna-se imprescindível na construção da resistência



camponesa. Sendo parte deste movimento contra-hegemônico no campo, a educação ofertada nos encontros privilegia aspectos ambientais e a coletividade.

Dessa forma, com esse relato observou-se que ao integrar as crianças em um processo educativo visando a emancipação é necessário preparar agentes da mudança na via camponesa para desafiar os poderes públicos e a sociedade a repensar o campo e ser criança no campo. Essas práticas educativas realizadas dialogam com os discursos e o projeto de sociedade construídos com a participação no que se refere ao Movimento de Mulheres Camponesas em compromissar com essa geração de crianças nesse processo ativo de cuidado com a terra e seus pares.

Em suma, as cirandas infantis do Movimento de Mulheres Camponesas são um espaço educativo e de reafirmação de identidade onde as crianças se expressam e participam ativamente das discussões em torno da sociedade como um todo por meio da arte, brincadeiras, cantos, rodas de conversas e práticas de manejo com terra, assim usufrui-se da sabedoria das crianças na promoção de sua infância.

REFERÊNCIAS

COLLET, Z. As práticas educativas do movimento de mulheres camponesas (MMC) em debate: um diálogo entre as mulheres e as crianças. Dissertação de Mestrado. Universidade comunitária da Região de Chapecó. Santa Catarina, 2017.

FELIPE, S.E. Infância de assentamento e suas temporalidades históricas. In: Silva, O.I. et al (orgs.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Editora: Autêntica Editora, 2013, p. 28.

GUBUR, D.M.P; TONÁ, N. Agroecologia. In: CALDART, P.S. et al (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p.62.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: **editora: atlas**, 2002.

GOBBI, M. FINCO, D. Meninas e meninos no assentamento do MST: representações e diferentes modos de ver e sentir a infância do campo. In: I.O et al (orgs). **infâncias do campo**. Belo Horizonte: editora: editora autêntica, 2013, p. 63.

PALUDO, C. Educação popular. In: CALDART, R.S. et al (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro e São Paulo: editora: Escola politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p.281.

PASUCH, J.; MORAES, E.V. Retratos sociológicos das infâncias do campo. In: SILVA, I.O.



(orgs.). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Editora: Autêntica editora, 2013, p.77.
PASUCH, J;MORAES, E.V. Retratos sociológicos das infâncias do campo. In: SILVA, O.I. (orgs.). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Editora: Autêntica editora, 2013, p.81.

RODRIGUES, D.G.; SAHEB, D. A educação ambiental na educação infantil segundo os saberes de Morin. **Rev.bras,estud, pedagog**, Brasília, v.99, 2018, p.573-588. disponível em: <https://share.goegle/S3N7e1jqmUVef4hdH> acesso em: 18, set.

SILVA, A.P.S; FELIPE,S.E; RAMOS, M.M. Infância do campo. In; CALDART, R.S. et al (orgs.). **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 417-419.

ROSSETTO, E.R.A, SILVA, F.T. Ciranda infantil. In: CALDART, R.S. at al (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 125.

ROSSETTO, E.R.A. **Crianças sem-terrinha em movimento**: brincando, cantando na luta pela reforma agrária. In: SILVA,,I.O. **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Editora: Autêntica editora, 2013, p.120.

SILVA, D.C. Características de pesquisas qualitativas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.38. e26895. 2022. disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/> acesso em: 28, out.

SILVA, I.O.; SILVA, A.P.S. MARTINS, A.A. Infâncias no e do campo: como as crianças vivem, brincam , estudam e compartilham experiências?. Belo Horizonte: Editora: Autêntica editora, 2013, p. 120.